

LUCAS CASSULE

INSPIRADO NO LIVRO "YAKA" DE PEPETELA

AQUILES E O SOBERANO



AQUILES E O SOBERANO

Inspirado no romance Yaka de Pepetela

©Lucas Cassule, 2023
Título: Aquiles e o Soberano
Autor: Lucas Cassule

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: lucascassule@gmail.com
instagram: @lucascassule.ao

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

Lucas Cassule

Execução Gráfica

ésobrenós Editora

Revisão

Alzira Simões | Dias Neto | Sukiankasa Nsambu

Marketing e publicidade

Alusapo

Conselho Editorial

Alzira Simões | Dito Benedito | Sukiankasa Nsambu

ISBN: 978-989-9133-20-4

Edição digital: Outubro de 2023

ÉSOBRENÓS EDITORA

geral@esobreler.ao | +244 919 146 296

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.



“Gostei do que escreveu por mostrar criatividade, domínio da escrita e da arte descritiva. E é divertido, o que importa muito.”

PEPETELA

“A cena de quinze anos atrás veio com os homens armados que apareceram lá embaixo do lado direito. Do alto do rochedo azul onde agora permanecia todo o dia imóvel, viu os homens avançar para a margem. O sol pousara nos canos oleados das armas e não mais os largara, como não mais largara os brancamarelos da pele da onça agachada para o salto. Levantou no alto do penhasco quando viu Tyenda sair das sombras das árvores e ficar parado. Tyenda estava contra o sol e não podia ver o gesto dele com a azagaia a indicar, escondete. Viu o branco grande levar a arma à cara e Tyenda saltar. O estouro do tiro veio depois. Viu Tyenda correr para a onganda e rebolar no chão. Levantar, atingir os primeiros rochedos e aí ficar dobrado para trás, os braços no ar, o colar-amuleto com os dentes e as unhas da onça brilhar como as armas deles e os olhos amarelos dela e como a areia faiscante nos rochedos negros e cair para trás lentamente, lentamente, os braços abertos como o pássaro estranho que paira à tardinha despedindo terrores brancos e a nuvem de pó fininho se elevar no azul límpido sem vento ao tocar do corpo de Tyenda que rebolou e levantou mais nuvenzinhas de pó fininho, até o sol se fixar de vez no corpo negro dele e no colar do pescoço.

O grito de Vilonda rasgou o azul do céu e fez estremecer o morro escarpado e os rochedos.

Os homens que rodeavam o corpo de Tyenda olharam para cima e o viram contra o sol, no alto do morro. Gesticularam entre eles e depois começaram a subir a encosta. Vilonda percebeu eles iam entrar na onganda, onde a essa hora não estava ninguém. As mulheres deviam estar escondidas nas lavras e os filhos a pastorear o gado mais longe.”¹

1 *Pepetela (Yaka, 1984, pag. 109)*



QUANDO AQUILES acordou já estava rente à porta, no portão na verdade, uma monstruosa cobertura de madeira cujo brilho de verniz reflectia-lhe nos olhos. No centro do mesmo, a imagem de um anjo bebé cravada com tiras douradas de metal cujas asinhas pareciam mover-se aos olhos do homem, como uma figura que se anima num abracadabra, e tinha os cabelos fartos e ondulados.

Aquiles voltou-se para trás, ficou impressionado com o horizonte que se abria e se estendia no vão. Eram instantâneas camadas nublosas, contrastadas em branco, cinza, azul e preto. Sentiu uma frescura no pé, como se tivesse pisado numa pedra de gelo; estava descalço e suspenso num largo casco dessas camadas de nuvens.

Oh, credo, é um sonho! Foi o que lhe ocorreu imediatamente. Voltou-se para trás. Ao redor não havia nada além de camadas de nuvens suspensas que se confundiam no infinito céu. Uma esfera gelada atravessou-lhe o corpo como uma lança invisível, o movimento ventoso reproduziu-se em ciclos fulminantes, as suas mãos começaram a tremer. Foi assim que se lembrou ele do objecto que lhe perfurara o peito mais cedo. Com a mão direita apalpou-se um pouco no lado esquerdo do corpo, no cimo do ombro, tinha realmente um ferimento, mas não sangrava nem doía. Tocou-lhe um pouco com o dedo, não sentiu dor, não produziu nenhum efeito, como se estivesse em letargia, porém, sentiu-se receoso em friccionar mais, e voltou a escrutinar à volta. O frio era extremo, de entranhar a medula e o ambiente mortalmente silencioso e medonho.

— Armando! — Chamou pela primeira vez — Damião, Marques! — chamou outra vez pelos amigos, pelos últimos nomes de que se lembrava e o eco repetiu-se muitas vezes até se amiudar em cascatas e desvanecer no fundo do horizonte.

O homem ergueu o grosso punho, estava determinado a esmurrar o portão. Se calhar é com esse gesto que eu desperto, pensou. Apenas dois leves golpes e esperou muitos segundos, impaciente, como sempre. Mesmo com receio, sentiu o seu

impulso violento ganhar terreno. Porra, que vontade de pontapear essa merda! Depois reconheceu o tamanho daquilo, a própria fechadura era da dimensão da sua cabeça. Os muros estendiam-se dos dois lados e não dava para ver onde terminavam.

Aquiles sentiu-se pequeno demais, como um inseto diante daquele imenso portão. Mais tarde, incomodado com o silêncio, decidiu repetir as golpadas, mas não chegou a concretizá-la. Logo que levantou o nó dos dedos, o portão entreabriu-se dos dois lados, provocando um ruidoso rangido no processo.

Aquiles ficou ainda mais tenso. Recuou dois passos. Uma luz celestial e fulminante acendeu-se à sua frente, advindo do interior. Daquele gigante império efluía uma espécie de raios fumegantes. Não, não é fumo, deve ser um tipo de gás e é ainda mais frio, merda!, sussurrou.

O ambiente tornara-se extremamente gélido, o homem encolheu rapidamente os braços para sobreaquecer-se. E reparou que aquela quantidade de “gás” alimentava as camadas de nuvens atrás de si, tornando-as ainda mais densas. O branco ficava mais branco, e o negrume também se adensava, o céu, agora a um palmo de Aquiles, tornava-se íngreme.

— Aquiles Semedo!

Uma voz grave e majestosa ecoou do interior, para lá do vapor cinzento que fechava os espaços e enturvava a visão de Aquiles.

— Sim — respondeu logo depois, mas com uma voz trêmula e fraca, uma mistura de frio intenso e perturbação do desconhecido. Tinha a garganta muito seca.

Aquiles lembrou-se no mesmo instante: era a primeira vez que provava do mel do pavor. Vivera mais de trinta anos atormentando as pessoas, como bem entendesse, sem nunca recear de nada, nem da morte, nem da vida. Morte? Nem ele acreditava que poderia alguma vez morrer. Morreria de quê, febres? Isso é para aqueles mucubais selvagens! Ser morto por

um negro? Nem pensar! A morte e o medo sempre estiveram longe dele. Não se submetera a nenhuma crença também; não acreditava no castigo do além ou fosse o que fosse.

— Avança quatro passos para frente, apenas quatro passos!

A voz voltou a repetir-se e o retinir do som era cada vez mais cortante. O homem que sempre se sentira gigante, agora, parecia uma minúscula partícula entre os seres inferiores. Obedeceu. E, enquanto marchava, sentia as picadelas no peito e os fragmentos de memórias traziam-lhe pequenas lembranças: um menino negro estendido no chão, ensanguentado, gritos de mulheres e crianças enfiadas no capim, a debandada do gado ali nas proximidades da pedra azul. Voltou a sentir uma dor intensa no peito e um sangramento na superfície aberta.

Parou de contar os passos quando chegou ao número indicado, voltou a tocar-se para velar o sangue que não via, mas sentia. Não havia sangue, o ferimento desapareceu subitamente e a sua roupa tinha-se transformado. Continuava descalço, com o frescor sobre-humano no soalho, mas os calções e a camisa eram novíssimos e brancos, branquíssimos como uma das camadas de nuvem que viu lá fora. À frente de si, abriu-se um largo corredor com as paredes também brancas. Havia duas portas, uma à direita e outra à esquerda. Aquiles não sabia que direcção ia tomar. Ali, enquanto reflectia e respirava ofegante, um homem surgiu do nada, assim, magicamente, na parede, à sua frente. O homem era três vezes maior que ele, já velhinho, com cabelos fartos e totalmente brancos, fartas barbas grisalhas, uma túnica branca que se estendia até aos pés e duas largas asas nas costas, de penugens brancas também. Um anjo negro? Que absurdo! Esse pesadelo não poderia ser mais abusivo! Aquiles falou só no seu interior, não se mexeu nem abriu a boca, estava à espera do momento que acordasse do estranho sono. O homem, calmamente, puxou um caderno do largo bolso da túnica e uma lapiseira também branca. É a terra da cor branca, entendi, murmurou e assistiu ao velho gigante baixar o rosto e rabiscar algumas frases. O velho gi-

gante e misterioso usava umas sandálias de cabedal, tinha o rosto magro e mãos delgadas e um colar de búzios brancos rodeava-lhe o pescoço. Aquiles, de tanto se focar na avaliação ao misterioso velho, já as suas feições lhe pareciam familiares. De onde o conheço?

— Que a paz do Soberano esteja contigo, meu jovem!

Aquiles não disse palavra, apenas meneou a cabeça em resposta. Pronto, salta logo para a parte em que sacas a espada dourada para decepar-me a cabeça e eu acordo assustado da cama, pensou.

— Bom, espera aí, espera aí... pronto, já cá está. É isso mesmo. Tu, Aquiles Semedo, deves seguir à porta à esquerda. É ali onde te espera o destino e tudo o que te foi reservado para os próximos mil anos.

Aquiles voltou a estender as órbitas àquele corredor. Ali, ao fundo, havia uma porta vermelha, também larga e enorme, com um círculo tingido a amarelo e uma figura de fogo ardente no centro. Aquiles engoliu em seco, sentiu uma avalanche de arrepios a cavalgar a sua espinha dorsal. Recomeçou o filme daqueles últimos momentos de crueldade em sua memória. Depois pensou: velho selvagem! Filho da... tentou ofender, mas conteve-se e voltou a fitá-lo.

— Conquistaste compreender?

— Sim. O senhor referiu que me dirigisse àquela porta — apontou com a mão esquerda, trémula.

— Sim, é o que consta aqui.

— O que há lá?

— Essa informação eu não te posso dar, nem a ti e muito menos ao próximo homem.

— Quem é o próximo?

— Está por detrás deste portão.

O velho apontou com o queixo em direcção aonde Aquiles saía e ele virou-se para conferir. O portão já se tinha

fechado, mal ele percebera. Estranho, como tudo aqui nesse lugar, voltou a fuzilar em pensamentos.

— O que foi que eu fiz?

— Tens a certeza que não te lembras?

Aquiles ficou mudo, os seus olhos humedeceram, pensou no rapaz que fugia dos tiroteios e de como insistentemente apelara aos seus amigos para avançarem com o bárbaro assassinato. Sentiu um pouco de vergonha, mas fingiu não se lembrar de nada.

— Não, não me lembro porquê estou aqui.

— Deixa-me ver aqui. O Soberano mandou apontar cada detalhe — o gigante percorreu o caderno com os dedos — Ah, isso, lembras-te das partidas que fazias aos teus colegas de escola quando ainda eras pequeno? Olha aqui, outro delito, os mucubais, os negros...

— Está bem, está bem! Já chega!

O anjo surpreendeu-se com a audácia do visitante e fitou-o com crueldade, mas depois começou a rir, um sorriso lacónico, exibindo todos os seus brancos dentes.

— Onde ele está?

— Quem?

— O vosso Soberano.

— Ah, correcção, o nosso Soberano Pepetela, o teu e o meu Soberano! O nosso Soberano.

— Sim, o nosso Soberano, esse senhor?

— Pepetela.

— Sim, esse mesmo. Posso falar com ele?

— Não, nem pensar, o Soberano está muito ocupado neste momento. Estará três dias ausente.

— Três? — Aquiles elevava um pouco a voz e viu o anjo velho a embulhar o rosto — desculpa, peço desculpas.

— Tudo bem, temos apenas mais alguns minutos de conversa, depois devo receber o próximo.

— Minutos?

— Sim, alguns poucos minutos.

— Mas eu gostaria de fazer algumas perguntas ao Pepetela.

— Soberano — o gigante corrigiu em voz firme e respeitável — Soberano Pepetela! — emendou.

Aquiles aquiesceu. Voltou a conferir a altura do homem e sentiu o quádruplo da humilhação. Ele chegava até abaixo dos joelhos do gigante. O que andam vocês os anjos a comer aqui?, perguntou em pensamentos.

— Isso mesmo, Soberano Pepetela.

— Mas ele não volta hoje, nem hoje, nem amanhã. Como referi — o homem fechou os olhos por um instante —, acabou de aterrar em território brasileiro, a cerimônia de atribuição do título honorífico acontece amanhã.

— E esse título honorífico é tão importante para quem?

O anjo, desta vez, não se conteve, desatou uma gargalhada. Engraçara-se com o Aquiles. Pensou em explicar-lhe a importância do título para o Soberano, mas lembrou-se de que o mortal largou os estudos cedo, é normal que não saiba a importância e o luxo de ser um Doutor Honoris Causa.

— O amigo anjo como se chama?

— Vilonda.

Vilonda, nome típico de selvagem! Voltou a falar em pensamentos, mas deixou escapar um falso sorriso para enganar o velho anjo.

— E como consegui essa informação, desses vossos títulos?

— Busquei-o agora mesmo.

— Isso significa que consegue abordá-lo, não?

— Caso haja alguma emergência, posso, sim.

— Mas agora tem uma emergência, não?

— Onde está a emergência?

Aquiles não soube o que dizer, calou-se simplesmente e voltou a olhar para onde o gigante estendera os longos braços. Olhou à direita, aquela outra porta branca, com molduras douradas, tinha igualmente um círculo no centro, também dourado, e o desenho de um coração no meio, no mesmo tom. Aquele caminho parece-me mais chique, sentiu-se tentando em correr em direcção contrária e empurrar aquela porta, mas examinou o tamanho do pé do gigante, esse velho selvagem vai esmagar-me, não posso. Se fosse um pesadelo já teria acordado, essa merda é real. Estou feito ao bife.

Aquiles caminhou apenas dois passos em direcção à porta vermelha e voltou a olhar para trás. O gigante acompanhava-o e sorria, fez mesmo sinal com a mão, vai, já estás sem tempo.

— Desculpe só, senhor majestoso anjo Vilonda, esse vosso Soberano tal, quando está presente, faz o quê?

— Escreve.

O velho falou com ar divertido. Depois, sacudiu as asas como se estivesse a preparar-se para o voo. O abanar da plumagem jogou uma camada de ar muito gelado no rosto de Aquiles, que o fez piscar os olhos e recuar um passo.

— Escreve?

— Sim, escreve.

— Escreve o quê?

— De onde achas que pessoas como tu, Tyenda, teu pai Alexandre Semedo, teu irmão Orestes e tantas outras vieram?

— Quem raios é Tyenda? — Já estava nervoso e sabia que não tinha mais nada a perder, os modos já não lhe interessavam.

— Certamente te lembras dele, ainda há bocado pensaste nele. O menino ali da pedra azul, na Onganda, o cuvale, lembras?

Aquiles demorou um pouco a juntar as peças, mas depois reagiu sobressaltado e abanou negativamente a cabeça, como que decepcionado. E então reconheceu que nada mais tinha a seu favor, sentiu-se fraco, a moldura em metal dourado e o escudo dos antigos soldados gregos que sempre suportaram o peso da sua arrogância se desvaneceram.

— E onde está aquele maldito mucubal?

O velho anjo estendeu a mão em direcção à porta branca. É ali onde os bons são enviados, disse em voz branda. Agora, sim, estás sem tempo. Se demoras muito, tudo fica pior para ti. Aquiles não entendia como, mesmo estando parado, era sugado para a porta vermelha, como se lá tivesse um íman e ele fosse feito de puro metal.

— Eu não me arrependo, porra! Diz a ele que nunca me arrependerei! Se eu tivesse mais tempo, matava-os a todos, matava-te a ti e toda a tua família, se não me tivesses interrompido com aquela estúpida azagaia! — gritava Aquiles, com os olhos lacrimejantes e avermelhados, seu rosto também ganhara um tom encarnado.

Aquiles já tinha sido engolido pela porta vermelha que se abriu e fechou-se de imediato. As últimas palavras tinham sido dirigidas ao velho anjo, que continuava eufórico, sorrindo e divertindo-se com a coragem daquele mero mortal.

Depois, o velho suspirou e riscou Aquiles Semedo da sua lista. Pronunciou em pensamentos o nome dele. Gostara do pouco momento que trocaram, mas tinha coisas mais importantes para pensar e fazer.

— Bartolomeu Espinha! — chamou o próximo, com a sua voz bastante grave e majestosa.

Lucas Cassule, o discípulo do Soberano Pepetela
Luanda, 18 de Janeiro de 2023

ENCONTRO COM PEPETELA

A honra da realização do sonho de tomar café com um dos maiores escritores da lusofonia aconteceu numa tarde de segunda-feira, do dia 6 de Fevereiro de 2023. Há quatro anos, quando estava a começar a rabiscar o meu primeiro livro (*A vila assombrada pelos makixi*), se me dissessem que tão cedo viveria aquele momento, não acreditaria. Naquele dia, eu conheci um Pepetela simples, humilde, paciente e totalmente disposto em responder sem rodeios e sem cerimónias todas as questões que eu lhe dirigia, num diálogo que durou mais de duas horas.

Falámos sobre todas as suas obras (as que tinha lido até então). Foi interessante conhecer os meandros da abordagem dos seus títulos mais famosos e ouvir na voz do autor as inquietações que me surgiram durante a leitura. Fiz igualmente perguntas de fórum pessoal, cuja maioria das respostas remeteram-me à vida e aos ideais dos seus personagens mais interessantes (Aníbal e Sara de “*A Geração da Utopia*”, Sem Medo de “*Mayombe*”, Himba de “*Se o passado não tivesse asas*”, por exemplo). No café, pedi-lhe que realizássemos outro encontro público, informei-lhe que mais leitores gostariam de ter o privilégio de estar presente e fazer-lhe perguntas directas. A resposta foi positiva e o evento aconteceu posteriormente no Instituto Camões (fotos no final), que contou com a presença e abertura de S. Ex.^a Senhor Embaixador Francisco Alegre Duarte, sob minha moderação.

Durante a conversa, falámos também do estado do país, do antes e durante a independência, que muito retratam as suas obras, sem deixar de lado os fenómenos actuais; acabamos por rir de muitos aspectos. O encontro culminou com autógrafos da pilha de livros que levei.

Quem me conhece sabe que sou fã do Pepetela, do universo de ensinamentos que estão nos seus livros. Conhecê-lo

pessoalmente, partilhar e discutir ideias com ele por longos minutos, fez-me admirá-lo ainda mais. É claro que para mim ele é e sempre será o grande Sumo Pontífice da Literatura Angolana. As suas obras representam uma riqueza intelectual de tamanha grandeza para o país e para o mundo. Eu, particularmente, dos onze livros que já li, posso destacar: *A Geração da Utopia*, *Yaka*, *Se o Passado não Tivesse Asas*, *Mayombe*, *Sua Excelência de Corpo Presente* e *O Planalto e a Estepe*, como as que mais me deram prazer de ler. Posso acrescentar Lueji nesta lista.

Dentro desse conjunto de obras, conseguimos entender e viver na pele dos personagens os ideais dos jovens antes da independência, a clandestinidade com que se mobilizavam para libertarem o povo das mãos do colono e construírem um país dos sonhos. Percebe-se também a frustração de alguns, quando depois da independência, entenderam que o desejo de construir um país que serviria a todos, de igual para igual, a ideia de construir um paraíso para os angolanos não passava de uma utopia, pelas razões que a própria história já conta. Conhecemos também, através dos mesmos, a forma como o colono pensava e geria as colónias em Angola, o seu jogo de expropriação de terras e imposição da escravatura aos locais. Fora disso, são ainda as lições de geografia, de história, de sociologia, de simbolismos e crenças angolanas, de escrita criativa e porque não de filosofia através dos ideais e princípios dos personagens? Há ainda dentro do conjunto, obras cuja narrativa destaca as relações afectivas, o amor e os mais longínquos jogos dos tronos nos antigos reinados.

Como angolano, defendo mais homenagens ao nosso “Prémio Camões”, mais ciclos de debates em torno das suas obras e mais promoção do seu trabalho tanto a nível nacional como internacional. Pepetela é sem dúvidas um dos nossos maiores patrimónios literários. Ele, o “Soberano”, tem qualidade suficiente para alcançar os patamares conseguidos por grandes nomes da literatura mundial.

Este conto é uma das formas que encontrei para homenageá-lo e valorizar a grandeza que ele representa a um leitor como eu.

Caso tenha chegado até aqui, não o deixe morrer, partilhe-o com o mundo!

Obrigado!

Luanda, 1 de Outubro de 2023



Lucas Cassule 20 de jan.



para caapepe ▾

Saudações, mestre Pepetela!

Antes de mais, quero desejar-lhe um bom ano de 2023.

Meu nome é Lucas Cassule, seu leitor e fã. Já há algum tempo que desejo escrevê-lo, não tinha o seu email (queria encontrá-lo ou até telefonar), mas pronto, acredito que tudo acontece no tempo certo.

Quero agradecer-lhe e parabeniza-lo pela jornada exitosa que tem tido, os seus livros são uma aula magna de escrita criativa, uma inspiração para nós os jovens e um património intelectual angolano indiscutível.

Gostaria muito de poder encontrá-lo para um café e uma conversa sobre o que li em Maiombe, Yaka, A geração da utopia, Se o passado não tivesse asas, O tímido e as mulheres e outros. Espero honestamente contar com a sua resposta a esse email. Já o vi uma vez, foi na UEA, em ocasião da cerimónia fúnebre do Escritor Octaviano Correia, claro, dada a situação não pude abordá-lo.

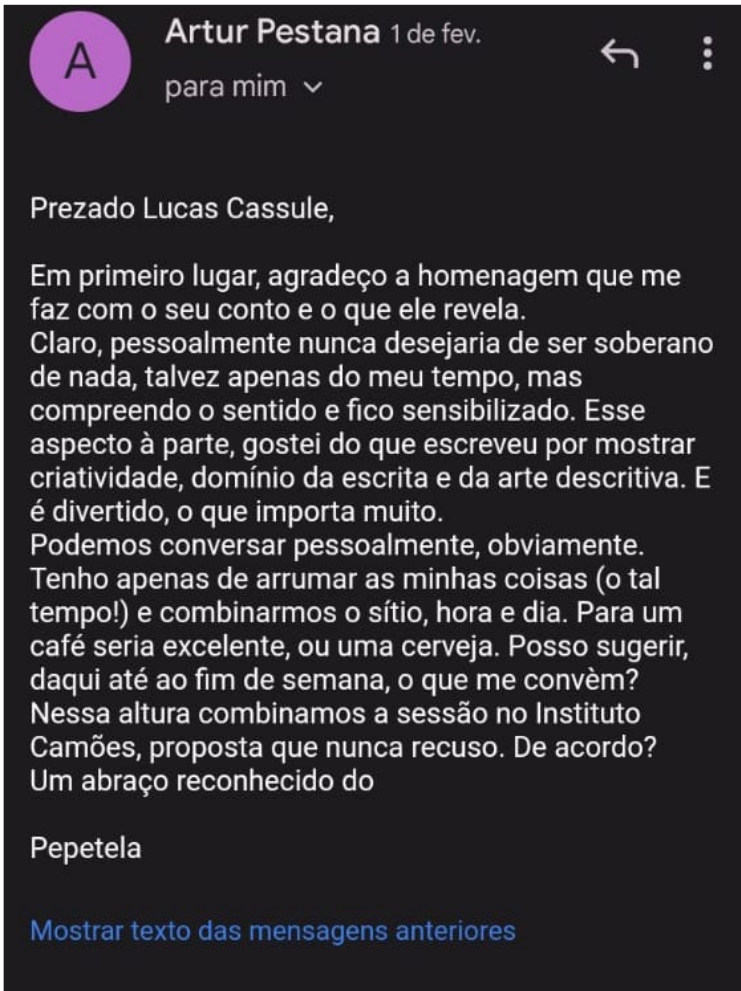


99+



E, como um grande fã, escrevi um conto inspirado no seu livro Yaka, é sobre o Personagem mais odiável que o senhor já criou, o Aquiles. Vai aqui anexado ao e-mail, espero que goste.

Deixo aqui o convite para o café e também a possibilidade de o senhor participar de um encontro com leitores no Instituto camões, auditório com o seu nome, contando com organização de um grupo de jovens liderados por mim, com a data que o senhor sugerir, claro. Inclusive, eu já



LUCAS CASSULE nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. É escritor, editor, docente universitário, locutor de rádio e promotor cultural. Autor dos livros: A vila assombrada pelos makixi I e II, Afroerotismo em contos, Mil correspondências – o lado negro da saudade e co-autor do livro Karingana - 2 povos, 2 contos, Pelo Poder Popular, Colectânea de Poesia Lusófona Mundos (livro 21, publicado em Lisboa) e da Colectânea de contos GELELA. Tem ainda diversos contos publicados no Jornal Angolano de Artes e Letras, no portal da literatura angolana “ésobreler”, no portal brasileiro Crônicas Cariocas e no seu blog. O autor escreve em prosa, poesia, crónicas e pensamentos. Em 2022 foi homenageado pela Africa Honore Author, na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg, pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano. Foi eleito como uma das cem personalidades literárias mais influentes do ano 2023, pelo Clube de Autores, maior plataforma de autopublicação com maior distribuição por livrarias e marketplaces do mundo.

Instagram: <https://instagram.com/lucascassule.ao/>

Website: <https://esobreler.ao/escritor/perfil/5>



De que vale um conto, um romance preso na sua gaveta?
Publique com a É SOBRE NÓS!

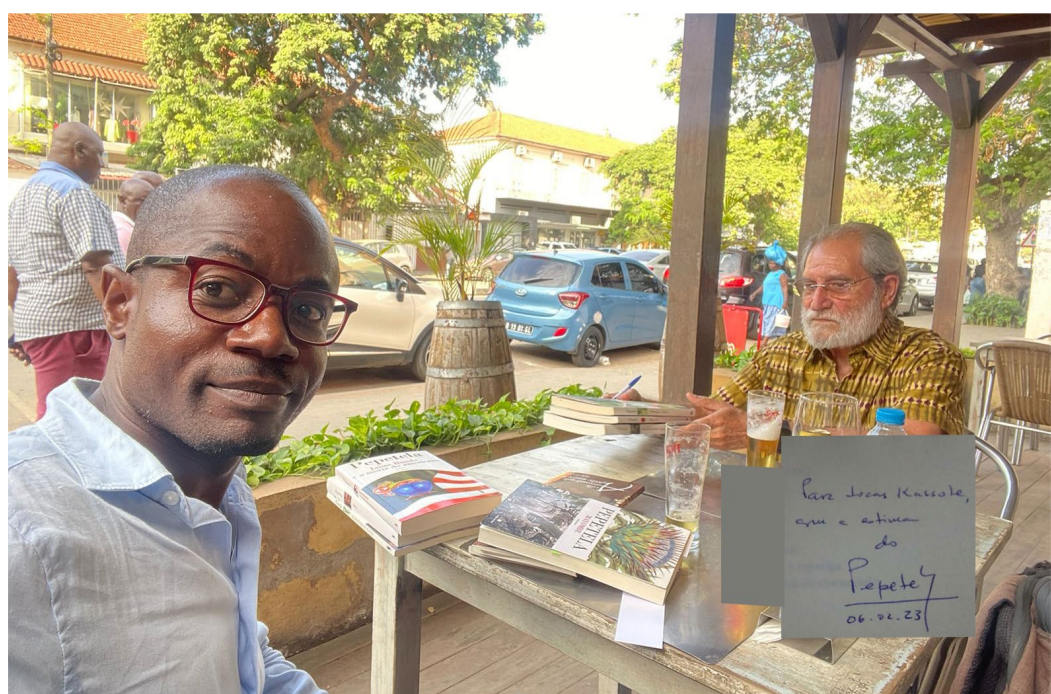
É Sobre Nós Editora, seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

https://instagram.com/esobrenoseditora_oficial

+244 926 155 992 | +244 919 146 296









COMOES
NO MUNDO
DA LINGUAGEM
E DA LINGUAGEM
DA POESIA E DA
LITERATURA

BFA

SEN
LETRA

ESCRITOR DO MÊS



COMOES
NO MUNDO
DA LINGUAGEM
E DA LINGUAGEM
DA POESIA E DA
LITERATURA





**DS**
RECORDS